

## Economia-Brasil

economia@jb.com.br

## Furtado alerta para tensão social

■ Economista pede controle cambial e mais emprego

CRISTINA BORGES

O economista Celso Furtado avalia que é impossível conciliar políticas de estabilidade econômica e de desenvolvimento. O confronto pode criar uma tensão social muito grande, movida pelo desemprego e pela falência dos estados. O ex-ministro do Planejamento do governo João Goulart, deposto pelo golpe militar em 1964, alerta que a democracia está ameaçada. "O país caminha claramente para uma tensão social crescente".

Ele torce para um desfecho no campo democrático para que a alternativa não seja a do fascismo. Como saída, Celso Furtado propõe o fortalecimento do mercado interno, ainda que à custa de inflação para combater o desemprego. Ele defende um sistema econômico nacional, importações seletivas e controle cambial. Furtado revelou que o presidente Fernando Henrique já estaria refletindo sobre mudar a política econômica.

Aos 79 anos, morando em Paris, Furtado revelou-se otimista em relação ao Brasil, mas o mesmo não pôde dizer em relação à sociedade brasileira. Na abertura do seminário *Desenvolvimento: o fato e o mito*, ontem na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), ele destacou que a globalização em países heterogêneos, como o Brasil, resulta no esvaziamento do poder de governar dos Estados diante do comando assumido pelos conglomerados transnacionais. A seguir, os principais trechos da entrevista.

**MERCADO INTERNO** – "Precisamos de uma política de desenvolvimento que valorize o mercado interno, a partir de um sistema de importações seletivas. O Brasil se



Samuel Martins

Furtado: "O Brasil não decide mais por conta própria. Abdicou ao FMI as decisões estratégicas."

meteu num liberalismo descabelado e quer voltar atrás, só que o terreno que perdeu não é facilmente recuperável."

**DESEMPREGO E INFLAÇÃO** – "Num plebiscito no Brasil, quais seriam os parâmetros mais importantes? Todo mundo dirá: criação de emprego que, na realidade, é o inverso da política atual. Em segundo lugar, criação de um sistema produtivo integrado para poder andar por conta própria. Em um sistema industrial desarticulado, terceirizado, ligado às transnacionais, não é possível atuar sobre ele porque a sua lógica são os interesses das empresas. Qual seria a resposta do povo brasileiro: você prefere o desemprego ou um certo grau de inflação? Quando eu fiz o Plano Trienal, o Brasil estava com inflação de 30%, por ano, propus reduzi-la a 10%. Nunca me passou pela cabeça fazer zero de inflação."

**CÂMBIO** – "Uma política cambial implica no controle seletivo de im-

portações e, portanto, no controle cambial. Sendo algo escasso, o câmbio tem que ser administrado pelo critério social e não pelo mercado, senão cai na especulação, como atualmente. O Brasil não precisa atrair capital estrangeiro indiscriminadamente. A verdade é que quando se capta capital estrangeiro, está se alienando a capacidade de decisão. O controle de câmbio pode se tornar inevitável num governo novo que venha com vontade de botar ordem na casa, como fez a Malásia.

**DEMOCRACIA** – "O Brasil caminha para uma tensão social crescente com mudanças desconhecidas. A gente fica desejando que elas sejam no campo democrático, por exemplo, com uma nova eleição. É isso ou então o fascismo, uma volta ao passado, os militares tomam conta do poder e põem ordem na casa. O que está ameaçado é a democracia. Eu tenho a impressão que a situação vai se degradar até o fim do governo atual. A situação é complexa, difícil. Depende de estadismo. E o

Brasil perdeu a capacidade de decisão por conta própria, abdicando ao FMI as decisões estratégicas."

**DÍVIDA EXTERNA** – "Quando é que se viu um país programar um endividamento externo permanente e progressivo como o Brasil para não crescer? O programa do FMI é o Brasil decrescer."

**MERCADO FINANCEIRO** – "Há uma racionalidade dos mercados, mas tem outra racionalidade, a social, que parte da idéia do interesse comum. Se eu pensar no Brasil como um todo, o mercado tem que ser adaptado a isso. O mercado é fundamental, mas não para estabelecer estratégia de desenvolvimento, porque ele tem prioridades que não são as nossas."

**DESENVOLVIMENTISMO** – "A briga entre as duas correntes pode ficar ainda mais acirrada. Eu tenho a impressão que o governo federal procurará se adaptar para sobreviver. O presidente já está convencido de que avançou demais numa direção que é um beco sem saída."

## Modelo é criticado

MAIR PENA NETO

O embaixador Rubens Ricupero, secretário-geral da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad), afirmou que o modelo econômico atual, ditado pelo consenso de Washington, "está fazendo água", não apenas no Brasil, e que as alternativas existem e precisam ser adotadas com urgência. Entre as medidas apregoadas pelo ex-ministro da Fazenda, estão o controle do ingresso de capital de curto prazo, a modernização da estrutura produtiva e o aumento da capacidade de exportação.

"Existem fórmulas de desenvolvimento alternativas e não podemos ser paralisados pelo argumento do medo", conclamou o embaixador, pregando reação às tentativas de desqualificação de qualquer questionamento do modelo atual. "Os que tentam desqualificar partem do princípio que o modelo atual está funcionando, quando o que ocorre é o contrário. Temos um modelo disfuncional, que não está dando certo em nenhum lugar, principalmente na América Latina", disse Ricupero, em fita de vídeo gravada em Genebra, sede da Unctad, que enviou para o seminário *Desenvolvimento, o fato e o mito*, promovido pelo Programa Universitário de Estudos Estratégicos da Uerj/UFRJ.

**Estabilidade** – Ricupero citou como uma das formas de se desqualificar o questionamento ao modelo atual as acusações de que se está pondo em dúvida a estabilidade, ninguém come estabilidade. Estabilidade sem crescimento não é nada. Colocamos a estabilidade como ponto de parti-

da e não de chegada. Estabilidade é um patamar para se construir um projeto de nação".

Para o embaixador brasileiro, esse projeto tem que partir de dois processos de integração: com o próprio país e com o mundo. "Primeiro, temos que nos integrar a nós mesmos. Integrar ao mercado interno as massas que não participam da economia", pregou, ressaltando que já existem as condições objetivas para isso. "Um estudo recente do Ipea mostra que o Brasil já atingiu um patamar para combater a pobreza. O governo gasta 15% do PIB com programas sociais, quando um terço disso já seria suficiente para acabar com a pobreza, apenas com políticas compensatórias, sem mexer na distribuição da riqueza".

**Investimentos** – Ricupero defendeu que o Brasil desenhe uma política de investimentos produtivos. "Os investimentos aumentaram exponencialmente nos últimos três anos, mas foram para setores que nada acrescentam à capacidade de exportação. Ao contrário, foram investimentos que pesaram na balança. As remessas para o exterior passaram de US\$ 700 milhões para US\$ 7,7 bilhões".

Ricupero destacou ainda que os investimentos externos estão vindo para fusões e aquisições, muitas vezes de empresas brasileiras eficientes e exportadoras, "reduzindo a pesquisa e o desenvolvimento, que as matrizes concentram em seus países". O embaixador condenou também os recursos atraídos pelas taxas de juros e defendeu o controle dos fluxos de curto prazo. "Seja na entrada ou na saída, como fez a Malásia".